



MANIFESTAÇÕES POPULARES: do brega ao tecnobrega paraenses

Geovane Trindade Marques¹

Resumo: Estudo sobre o surgimento do ritmo Brega na região Norte e de sua propagação pelo nordeste e restante do Brasil. Enfatiza as outras categorias musicais que deram origem ao ritmo e suas variações mais atuais como o Brega pop, o Calypso paraense e o Tecno Brega. Apresenta uma primeira aproximação à pesquisa por meio de aplicação de questionário a 16 (dezesesseis pessoas) para obter informações básicas como: o que acham do ritmo, se gostam do ritmo, se têm o conhecimento sobre a origem do ritmo. O resultado subsidiará uma pesquisa com um universo maior de pessoas com o intuito de constatar ou não se os atuais resultados se repetem.

Palavras-chave: Manifestações populares, ritmo paraense, valorização cultural.

¹ Estudante. Universidade Federal do Pará. E-mail: gilmarquesufpa@hotmail.com



INTRODUÇÃO

Após a década de 70 o Brasil foi descobrindo uma grande diversidade de ritmos que viriam à tona, como a lambada, o axé, sertanejo e outros. Entre esses novos ritmos surge o Brega, gênero oriundo e/ou paralelo à Jovem Guarda, de forte apelo popular cujo teor das composições estava, geralmente, relacionado a desilusões amorosas, tendo como tema principal o cotidiano.

As composições, arranjos, produções visuais e musicais eram consideradas de qualidade inferior pelos críticos musicais, mas tornaram-se fortemente popularizadas após o enfraquecimento do movimento musical Jovem Guarda.

A classificação a esse gênero musical se estabeleceu na década de 1960 em cidades como Goiânia, Recife e Belém, transparecendo uma condição de distinção social, em que ser “brega” significa possuir “mau gosto” estético. Muitas pessoas encaravam isso como engraçado, como algo para aliviar o estresse do dia-a-dia.

Nos anos 80, houve no Pará o primeiro movimento do ritmo Brega. Movimento que, no final daquela década enfraqueceu, devido à falta de apoio da mídia, principalmente das emissoras de rádio. Passando a depender, por isso, apenas das aparelhagens (aparelho de som com proporções gigantes). Grande parte desse repertório era de músicas de produção local.

Essa dependência das aparelhagens perdurou por cinco/seis anos, uma vez que a atenção do público do Pará e do Brasil estava voltada para o ritmo AXÉ, o qual “explodiu” no cenário musical nacional, neste período.

Em 1995, o Brega ressurgiu com o experimental vinil “A nuvem”, do cantor e compositor Roberto Villar, trazendo algumas reformulações no ritmo. Tais como: aceleração do **pit** (ritmo), maior desenvoltura, ousadia e “suing” na execução do contrabaixo e inserção de mais guitarras.

Retomando o seu lugar na mídia local, de uma maneira mais forte que nos anos 80, o Brega, começa a granjear simpatizantes em outros estados do Norte e Nordeste do Brasil ao, então, rebatizado Brega Pop.



Em 1996 e 97 surgiu uma nova safra de compositores adaptados ao novo ritmo. Letras e músicas seguiam tom mais universal; o equilíbrio entre as letras leves e românticas, o ritmo alucinante e qualidade nas gravações, enfim estavam chegando. O Brega Pop começava a conquistar o Nordeste e demais regiões do Brasil, passando a ser influenciado por outros ritmos: Rock, MPB, pagode, música européia.

Além desses novos ritmos influenciando o Brega os ritmos que já influenciavam e continuam influenciando, ajudam a construir essa nova forma do gênero. Um exemplo é a palavra *Calipso* - grafia original - que é um ritmo bastante percussivo, originário do Caribe e de países próximos. A palavra “Calypso”- grafia utilizada no Pará - há mais de vinte anos já faz parte do vocabulário dos produtores musicais, desta forma expressava que em determinado momento da música haveria mudança de ritmo, ficando mais lento com uma “levada” de guitarra.

O nome Calypso do Pará passou a ser usado somente para as músicas com um conteúdo literário romântico, performances e produções musicais de extrema seriedade e bom gosto. Deixando o nome “Brega” para as composições despreziosas, ingênuas e engraçadas, ou até mesmo aos cantores que se vestem e/ou se auto definem carinhosamente de “bregueiros”. Normalmente com letras sem pretensões literárias, apenas para dançar e se divertir.

Em 2002 surge o polêmico Tecnobrega, resultante de mais uma fusão de ritmos, Gênero produzido/tocado/dançado predominantemente em espaços da periferia urbana por grupos que compartilham um estilo de vida refletido na maneira de se vestirem, em códigos verbais/corporais, nos gostos musicais e em outras formas de socializações, as chamadas festas de aparelhagens.

As festas de aparelhagem atuam como mídia principal de divulgação de uma música que integra um conjunto de atividades não-oficiais onde coexistem produções em estúdios caseiros, compra/venda de CDs piratas e veiculação/consumo musical através de aparelhagens sonoras transportadas por caminhões de um canto a outro das periferias de Belém do Pará.



Caracterizado por agregar pulso veloz, recursos da technomusic e manipulação de ritmos/timbres utilizando softwares baixados da internet, sintetizadores e batidas eletrônicas, o Tecnobrega também mistura ritmos como Carimbó, Siriá, Lundu, e outros gêneros populares como o Calypso ribeirinho e Guitarradas. O ritmo é muito difundido na região pelos vendedores ambulantes que vendem os CD's com as músicas dos artistas que vivem no anonimato. Esses artistas não ganham praticamente nada com as vendas dos CD's, a não ser a popularização de seus trabalhos. Passam a faturar quaisquer quantias em dinheiro a partir da realização de shows pela capital e outras cidades do estado, com seu público atraído pelo conteúdo dos CD's.

O público consideravelmente grande do Tecnobrega impressiona, quando levado em consideração o modelo de mercado musical particular e distinto sem a presença de grandes gravadoras ou selos. Na sua maioria, as bandas divulgadoras desse novo ritmo trabalham por conta própria.

Embora o Tecnobrega tenha se firmado no mercado discográfico e de shows pela via da informalidade, bandas, cantores e aparelhagens sonoras, vêm recentemente buscando conquistar outros públicos, mesmo os que tradicionalmente lhes dedicavam críticas negativas. Se as aparelhagens sonoras apresentavam-se unicamente em espaços das ditas periferias de Belém, hoje já tocam em locais ditos mais nobres da cidade.

Além das características já referidas, o Tecnobrega é fortemente marcado por letras inúmeras e efêmeras. Diversas versões ou variações do ritmo podem ser criadas em um único dia, com a troca de ritmos, variações de timbres, etc. Uma das possíveis causas desse fenômeno de efemeridade é a tentativa de popularizar e fortalecer o ritmo no cenário musical nacional e até mesmo de lançamento de novos talentos do ritmo regional.

Obter o conhecimento dessas informações torna-se de enorme importância quando se quer realizar estudos sobre a cultura popular negligenciada, aquelas expressões da cultura somente vistas como formas de entretenimento. Embora o nome "brega" tenha sido adotado para denominar esse ritmo musical, se faz necessário buscar estratégias que vão favorecer não só a divulgação/exposição dessa expressão musical, mas que possibilitem a adoção de atitudes conscientizadoras e valorativas das coisas da nossa região e da nossa cultura.



Por meio de aplicação de questionário a 16 (dezesesseis pessoas) para obter informações básicas sobre o ritmo, o presente estudo é uma primeira aproximação ao tema e subsidiará uma pesquisa com um universo maior de pessoas com o intuito de constatar ou não se os atuais resultados se repetem.

APROXIMAÇÃO À PESQUISA

Pretendeu-se obter informações sobre o grau de aceitação das pessoas entrevistadas em relação ao surgimento do Brega e suas ramificações, qual o grau de importância que atribuem ao ritmo e suas ramificações, se valorizam a cultura popular paraense considerando o ritmo e ramificações, se o consideram uma manifestação da cultura popular do estado.

Em outubro de 2008, do dia 15 ao dia 20, foram aplicados questionários contendo, cada um, 07 perguntas. Concentrando, a partir do questionário, um público de 16 pessoas, 06 do sexo masculino e 10 do sexo feminino. Entre 19 e 29 anos.

A pesquisa foi aplicada a pessoas do espaço interno e espaços externos à Universidade Federal do Pará, sendo oito da universidade e oito de espaços externos. As 09 pessoas do espaço interno da UFPA, 6 do sexo feminino e 3 do masculino. São todos estudantes de graduação, os cursos e períodos não foram especificados. Já os 07 entrevistados do espaço externo da UFPA são 03 cursandos do ensino médio, 02 de cursos de pré-vestibular e 02 concluintes de ensino médio: 04 do sexo feminino e 03 do sexo masculino.

O questionário continha perguntas direcionadas em obter informações dessas relacionadas a concepções pessoais acerca do “Brega” e suas ramificações. A partir da pesquisa foram obtidas as seguintes informações:

a) Indagados se gostam do ritmo:

07 pesquisados do espaço interno da UFPA e 03 do espaço externo da UFPA responderam gostar do ritmo; 01 pesquisado do espaço externo absteve-se de responder; 02 pesquisados do espaço interno da UFPA e 03 do espaço externo responderam não gostar do ritmo.

b) Quanto à justificativa:



Para gostarem do ritmo: 03 pesquisados internos da UFPA disseram que gostam de dançar; 01 por ser um ritmo paraense e 03 não justificaram; e para não gostarem referiram: 01 por preferirem outros ritmos, 01 por considerá-lo vulgar.

01 pesquisado externo da UFPA afirmou não gostar por nada transmitir e 05 não justificaram.

c) A respeito das letras das músicas:

03 pesquisados internos da UFPA disseram que são ruins, 01 que têm pouco significado; 03 que existem umas boas e outras ruins, 02 que se trata apenas de um ritmo; apenas 01 não fez qualquer comentário a respeito.

01 pesquisado externo da UFPA disse que são ruins; 02 que têm pouco significado; 01 que existem umas boas e outras ruins, 01 que provocam poluição sonora; 01 que têm essência romântica; apenas 01 não fez qualquer comentário a respeito.

d) Indagados se sabem que o Tecnobrega é genuinamente paraense:

06 pesquisados internos da UFPA afirmaram ter conhecimento; 02 não sabiam e 01 não tinha certeza.

Os 07 pesquisados externos da UFPA afirmaram ter conhecimento.

e) Perguntados quanto à forma como obtiveram a informação sobre o Tecnobrega ser genuinamente paraense;

01 pesquisado interno da UFPA não informou através de que forma ou de quem obteve a informação, 03 disseram ter sido por meio da mídia (TV e festa de aparelhagem); 01 pelo convívio, mas não informou com quem foi esse convívio; 01 devido a viagens e apenas 01 não informou.

05 pesquisados externos da UFPA não informaram através de que forma ou de quem obtiveram a informação e 02 disseram ter sido por meio da mídia (TV e festa de aparelhagem).



- f) As 16 consideram o ritmo cultura popular paraense quando indagados, mas 02 pesquisados internos da UFPA e 05 pesquisados externos da UFPA não informaram o por quê.

02 pesquisados internos da UFPA disseram que é por conta da tradição, 03 por ter surgido aqui; 01 por ter sido atribuído tal característica ao ritmo e 01 por popularidade.

01 pesquisado externo da UFPA disse que é por ter sido atribuído tal característica ao ritmo; 01 por popularidade

- g) Foi perguntado o que expressam quando o ritmo é confundido com outros que, aliás, têm origens semelhantes origem, em tempo e influencias:

08 pesquisados externos da UFPA dizem que é pó falta de conhecimento e 01 diz que o ritmo é diferente de ouros e não há como confundir. 01 pesquisado externo da UFPA diz que é por falta de conhecimento; 01 que é pela essência da palavra; 01 diz que pode ser positivo, pois exporta a cultura paraense; 04 dizem que o ritmo é diferente de ouros e não há como confundir e apenas 01 absteve-se de responder.

- h) Foi perguntado se consideram o ritmo e ramificações como forma de expressão popular. 05 pesquisados internos da UFPA e 02 pesquisados externos da UFPA os consideram forma de expressão popular. Nesta mesma ordem: 01 por considerar forma de expressão das classes menos favorecidas e 04 não informaram; 02 não informaram.

02 pesquisados internos da UFPA que não os consideram forma de expressão popular o dizem por considerarem as letras sem sentido; 01 por não expressarem nada; 01 não respondeu

02 pesquisados externos da UFPA que não os consideram forma de expressão popular o dizem por ser um ritmo presente em todas as classes sociais do Pará; 01 por não expressarem nada; 02 não responderam.



- i) O último questionamento foi sobre o grau de importância e influência do ritmo e ramificações em suas formações individuais obtendo-se o seguinte resultado:

07 pesquisados internos da UFPA não atribuem nenhuma importância ao ritmo, 02 atribuem.

05 pesquisados externos da UFPA não atribuem nenhuma importância ao ritmo, 01 atribuem e 01 não respondeu.

- j) Dentre os pesquisados têm-se que:

01 pesquisado interno da UFPA atribui importância porque se diverte; 01 por ter conhecido um novo ritmo; 01 não atribui importância por não considerar significativa; 01 não atribui importância, mas se diverte; 05 não responderam.

01 pesquisado externo da UFPA atribui importância porque se diverte e 01 não atribui importância, mas se diverte. 04 não responderam.

CONCLUSÃO

Tal metodologia nos forneceu as seguintes conclusões: há grande dificuldade aos pesquisados de identificarem diferenças entre o ritmo de origem (o Brega) e as suas ramificações (Brega Pop, Calypso e Tecno Brega). Costumam classificar os outros “modelos” como um só: o Brega. Após a aplicação dos questionários, nossa contribuição foi a de proporcionar-lhes conhecimento sobre a história de cada uma das ramificações e influências musicais, ajudando-as a saber identificar cada uma delas.

Notificamos também que, devido à falta de conteúdo sobre os ritmos, as pessoas, mesmo no grupo de apenas dezesseis entrevistados, limitaram as suas respostas apenas em dizer sim ou não ou concordar ou não, não dando, na maior parte das respostas, uma justificativa quando lhes era solicitado. Quando justificavam, parecia que não as relacionavam ao que foi perguntado.

Constatamos que as pessoas não são bem informadas sobre sua própria cultura, de forma geral. Pelo fato de não se ter informação sobre todas as manifestações populares



regionais ou algumas vezes pelo desinteresse em conhecer sua própria cultura. A falta de informação sobre o ritmo Brega e suas ramificações, também se constituiu enquanto dificuldade para nós, pois existem poucos documentos que registrem essa história. A maior parte dos relatos pode ser feita apenas pelos próprios fundadores do ritmo ou por seus seguidores.

Por conta de toda essa carência de informação as pessoas costumam tratar com muitos pré-conceitos quando se indaga sobre o que acham do ritmo.

A nossa proposta é acumular conteúdo suficiente sobre o ritmo Brega e suas ramificações, de seu surgimento à atualidade, para construir e cultivar um arquivo que, no mínimo, forneça informações, para o acesso de todas as classes, acerca desse ritmo que é muito mais completo e complexo e que precisa de maior reconhecimento, principalmente por ser um ritmo de origem das camadas populares, sendo, assim, cultura popular.

REFERÊNCIAS:

Paulo Murilo Guerreiro do Amaral (UFRGS/CNPq)
pmurilo@interconnect.com.br

Paulo Murilo Guerreiro do Amaral
pmurilo@interconnect.com.br (UFRGS). Anais do III Encontro da Associação Brasileira de Etnomusicologia ([ABET](#)/2006) São Paulo